

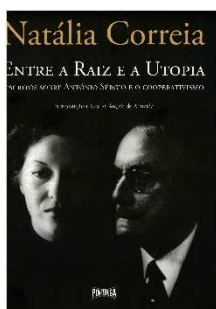
## OS ‘DOIS SÉRGIOS’

João Salazar Leite

*“Em todos nós há, sem dúvida alguma, a face luminosa e a noturna”*

(retirado de Natália Correia

– Entre a Raiz e a Utopia, do artigo ‘As Contradições Sergianas’)



Quem conheceu António Sérgio é unânime quanto à existência na sua pessoa de “dois Sérgio”. O racional e o emotivo. O aristocrata e o republicano. O pensador e o executante. O socialista e o suprapartidário. O entusiasta e o depressivo. Luz e sombra. Certeza e dúvida. Esperança e desilusão. Mas não seremos quase todos assim? Não é essa a normalidade humana?

O sobressalto constante; o viver entre a esperança em novos tempos e a constante opressão de um regime que se quis curto mas foi durando; a porta aberta à Vida na terra de adoção (nasceu no Ultramar) e a necessidade do exílio; a energia criativa e a recusa das autoridades para que tivesse emprego público; a vontade de ensinar e a impossibilidade de o fazer. Todos são fatores que estão sempre presentes em quem tenta justificar o percurso de Sérgio e responder a ‘quebras’ ou ‘mudanças’ de direção na sua produção e magistério.

Um homem que manteve polémicas acesas com contemporâneos seus, mas que ao mesmo tempo conseguia entusiasmar a juventude com os seus ideais e visão; um homem que se refugiava na superioridade da doutrina longamente refletida, mas ao mesmo tempo era convidado para a mesa de honra nas reuniões daqueles que na prática estavam dispostos a executá-la; alguém que foi socialista de corpo e alma, mas que o partido político que se comprometeu a defender esse socialismo nunca quis aceitar plenamente entre os seus militantes. O intelectual das tertúlias, abertas as portas do seu domicílio, e o conspirador no meio das cebolas no sótão da cooperativa de consumo do Vale de Alcântara. Tudo isto esteve presente neste Português de maiúscula, que nos continua a acompanhar, irá fazer dentro de poucos meses cinco décadas desde o seu falecimento.

Sérgio, pelo que dele vou aprendendo sempre que sou chamado a estudá-lo, foi sempre um notável processador da informação que lhe ia chegando de cá e do estrangeiro. Mais do que isso, digería-a e conseguia depois reconstruí-la em prol do povo que sempre escolheu como destinatário final da mesma. A mudança de regime viria de uma população ensinada, de um povo a quem seria fornecido um caminho de esperança, uma sociedade renovada pela solidariedade e em liberdade. O horizonte desanuviado em que todos se empenhariam, os amanhã cantantes.

A exemplo dos Pioneiros de Rochdale, agora que me centrarei mais no cooperativismo, que colheram ideias desta ou daquela pré cooperativa e com elas construíram um todo coerente de regras de funcionamento, inscritas naquele texto que se conhece como *First Law*, também Sérgio colheu deste ou daquele seu contemporâneo as ideias que, uma vez decidida a publicação de uma folha educativa, o Boletim Cooperativista que começou a sair em 1951, consubstanciariam um Programa de ação cooperativo a desenvolver pelas cooperativas que de Norte a Sul de Portugal um dia quis ver fazer frente ao modelo de sociedade que predominava entre nós.

Há sinais de que Sérgio já acarinhava os ideais cooperativos na década de 20 do século XX, mas só viria a escrever sobre o assunto quase 20 anos depois, e quase mais 20 anos demoraria a construir o plano do Boletim Cooperativista e a contribuir para a sua implantação entre os cooperativistas. Entre os primeiros sinais e a militância com a equipa do Boletim defendeu, primeiro, as ideias de Charles Gide e a sua República Cooperativa, a hegemonia do consumidor e a educação cooperativa como motor do desenvolvimento cooperativo. Chamar-lhe-ia a Nação Cooperativa e defendeu-a por muitos e bons anos. Depois importou as ideias de outro vulto da Escola de Nimes criada por Gide, Bernard Lavergne, e as suas Régies Cooperativas, hoje conhecidas por Cooperativas de Interesse Público. E, finalmente, o Sector cooperativo de Georges Fauquet, o equivalente a uma Nação amputada de parte da sua matriz social e económica, a componente das sociedades de capital. Um percurso só possível por quem teve a capacidade de reconhecer, não diria os seus erros, mas sim que as suas ideias iniciais se não adequariam já à evolução que a sociedade, sobretudo a europeia de meados do século XX, havia tido. Ou que os seus ideais iniciais não tiveram no terreno a receção que esperaria que tivessem face à justeza dos mesmos.

Não seria, aliás, a única mudança de fundo no seu pensamento cooperativo. Sérgio não reconhecia de início as cooperativas agrícolas, não as considerava cooperativas verdadeiras. Cooperativas verdadeiras só as de consumo, e através delas também a cultura, a saúde, a igualdade de participação entre homens e mulheres. Terá sido Henrique de Barros, com quem manteve

algumas polémicas, mas que era seu amigo, quem lhe fez ver que estava errado. E só um grande Homem é capaz de reconhecer a nobreza das ideias dos seus amigos.

A maior homenagem que se terá feito a Sérgio, foi que a correção desses erros das primeiras teorizações seriam consagradas pelos seus discípulos aquando da elaboração da Constituição da República Portuguesa de Abril, em 1976. Henrique de Barros era precisamente o Presidente da Assembleia Constituinte, a mesma personalidade que viria, já Ministro de Estado do 1º Governo Constitucional, a criar o Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo, com um programa de ação inspirado no programa que Sérgio havia delineado duas décadas antes. Barros que nomearia para seu primeiro dirigente Ferreira da Costa, um dos jovens que Sérgio recebia em sua casa e com quem discutia o conteúdo do Boletim Cooperativista.

Sérgio já não assistiu a esta fase da Nova República. Com a morte da esposa, o seu eterno apoio, e com a derrota de Humberto Delgado nas eleições de 1958, candidatura que mandatou, cairia na sua fase noturna. Já nem ao cooperativismo dedicava a sua atenção, fora-se a emoção. Mas ficara a semente. Daí este artigo, e outros serão por outros produzidos sobre a obra. É que ele disse a várias pessoas que de tudo o que fez em vida, terá sido a defesa dos ideais cooperativos a parte que gostaria de lhe ver sobreviver, e à qual o seu nome certamente ficaria ligado.

Março de 2018